

**100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA: AS LIÇÕES DA POLÍTICA PARA A EDUCAÇÃO –
NOTAS DE ESTUDOS DE OBRAS DE LENIN E KRUPSKAYA –**

**100 AÑOS DE LA REVOLUCIÓN RUSIA: LAS LECCIONES DE LA POLÍTICA PARA LA
EDUCACIÓN – NOTAS DE ESTUDIOS DE OBRAS DE LENIN Y KRUPSKAYA –**

**100 YEARS OF THE RUSSIAN REVOLUTION: THE LESSONS OF POLICY FOR
EDUCATION – STUDY NOTES OF LENIN AND KRUPSKAYA WORKS –**

Elza Margarida de Mendonça Peixoto¹

Resumo: O estudo dos textos de Lenin e Krupskaya evidenciam a demanda pela educação nos processos revolucionários, para o convencimento da justeza da revolução e para a formação do proletariado em dirigentes, mas, fundamentalmente, porque uma revolução nas relações de produção demanda um proletariado apto para o controle das forças produtivas. Trata-se de formar os “donos da revolução”. Este é o legado principal da política educacional revolucionária do Governo dos Soviets, e é esta a tradição que almejamos, nesta breve revisão, recuperar.

Palavras-Chave: Revolução; Política; Educação; forças produtivas; controle.

Resumen: El estudio de los textos de Lenin y Krupskaya evidencian la demanda por la educación en los procesos revolucionarios, para el convencimiento de la justicia de la revolución y para la formación del proletariado dirigentes, pero, fundamentalmente, por qué una revolución en las relaciones de producción demanda un proletariado apto para el " control de las fuerzas productivas. Se trata de formar "dueños de la revolución". Este es el legado principal de la política educativa revolucionaria del Gobierno de los Soviets, y esta es la tradición que anhelamos, en esta breve revisión, recuperar.

Palabras-Clave: Revolución; Política; Educación; fuerzas productivas; control.

Abstract: The study of the texts of Lenin and Krupskaya evidences the demand for education in revolutionary processes, for the conviction of the correctness of the revolution and for the formation of the proletariat leaders, but, fundamentally, why a revolution in the relations of production demands a proletariat fit for the control of productive forces. It is about forming "owners of the revolution". This is the main legacy of the revolutionary educational policy of the Government of the Soviets, and this is the tradition we aim to recover in this brief review.

Palavras-Chave: Revolution; Policy; Education; productive forces; control.

Introdução – a demanda por retomar o espírito da revolução:

Numa conjuntura em que o capital expõe de forma extrema sua capacidade de produzir miséria e desprezo pela existência daqueles que produzem a riqueza e estão dela excluídos, mais que nunca se faz necessário pensar revoluções. Contra a escola sem partido, mais que nunca se faz necessário colocar em discussão aquilo que Aníbal Ponce sinaliza quando se refere às “finalidades essenciais” da “educação imposta pelas classes proprietárias”: **Primeiro:** “destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga”; **Segundo** “consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante”; **Terceiro:** “prevenir uma possível rebelião das classes dominadas” (PONCE, 2007, p. 36-37).

Contra a escola sem partido que, visa exatamente “destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga” dos interesses da classe dominante, nós defendemos que os trabalhadores da educação devem tomar partido pelos interesses das classes dominadas na luta de classes que se trava também na escola,

avocando: (1) recuperar as tradições revolucionárias; (2) contribuir para o desenvolvimento da consciência de classe para si dos trabalhadores brasileiros; (3) e, neste processo, ao contribuir para promover a consciência de classe para si, promover a rebelião das classes dominadas contra a dominação de um modo de produção voltado para a acumulação privada e profundamente indiferente a toda miséria.

E é exatamente aqui que urge retomar as políticas para a educação produzidas no processo de tomada das forças produtivas pelo proletariado, durante a Revolução Russa, pois, pensar saídas da conjuntura em que vivemos, demanda estudos dos processos revolucionários em todo o mundo! Lenin, em 1920 já assinalava a importância internacional da Revolução Russa no sentido da influência e da referência que era para os trabalhadores de todo o mundo² neste exercício de superação do capitalismo que – ao contrário do que nos quer fazer crer a história contada a serviço dos interesses do capital – não se encerra com situações momentâneas de crise de experiências deste ou daquele canto do mundo. A superação do capitalismo como modo de controle e organização da produção da vida é uma exigência para a preservação da vida. Está em processo e mais cedo o mais tarde, é inevitável. Por isto urge dar direção a este processo. Uma direção que atenda aos interesses das classes com cadeias radicais³ impostas por este modo de produção: os homens que só podem existir trocando força de trabalho por meios de vida.

Sobre o retomar dos processos do passado para expressar nossas demandas, em 1852, Marx, analisando o *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, nos dizia:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes e as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial (MARX, *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Boitempo, 2011, p. 26-27).

Diferenciando este movimento feito pelos revolucionários franceses de 1789, do movimento do segundo Napoleão entre 1848-1851, nos diz Marx:

As ressurreições de mortos protagonizadas por aquelas revoluções serviram, portanto, para glorificar as novas lutas e não para parodiar as antigas, para exaltar na fantasia as missões recebidas e não para esquivar-se de cumpri-las na realidade, para redescobrir o espírito da revolução e não para fazer o seu fantasma rondar outra vez (MARX, *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Boitempo, 2011, p. 26-27).

No instante em que retomamos o pensamento de Lenin e Krupskaya, situados na Conjuntura da Revolução Russa, urge evidenciar que não se trata de um “parodiar” a Revolução Russa como um tipo ideal a ser seguido, nem de criticá-la por não ter atingido um suposto tipo ideal do que deveria ter sido. Retomamos e comemoramos a Revolução Russa para “glorificar as novas lutas”, para “descobrir o espírito da revolução”, para “exaltar na fantasia as missões recebidas e (...) cumpri-las na realidade” e é exatamente por esta mesma razão que a direita nos ameaça com o terror das ditaduras anticomunistas!! Querem eliminar toda a força das possibilidades que a Revolução Russa evoca, que nega o discurso de

continuidade e de falta de saída que o capitalismo avoca a todo o instante, disfarçados como o “novo” e a “mudança”. Nós só podemos “glorificar as novas lutas” e “descobrir o espírito da revolução” se compreendermos adequadamente as condições objetivas nas quais estamos vivendo hoje, e esta não é tarefa que se faz sem os coletivos partidários que pontuam como enxergam a conjuntura e para onde almejam seguir. Esta não é tarefa para uma intelectualidade que se recusa a organizar-se em coletivos partidários. Esta é uma tarefa que só pode ser executada por quem se posiciona a partir de um coletivo que avalia o presente e projeta/planeja um futuro sob a orientação da teoria revolucionária de que fazem parte Lenin e Krupskaya.

As tarefas objetivas dos primeiros anos do processo revolucionário:

Em 1918, Lenin escreve *As tarefas imediatas do poder soviético*⁴ (LENIN, 1978b). Nele, já nos primeiros parágrafos, torna-se evidente a tarefa da reorganização de um país destruído pela Guerra Civil e pela primeira Guerra Mundial. Lenin comemora: a paz negociada dará “certo tempo” para concentrar forças “no aspecto mais importante e difícil da revolução socialista, a saber: a tarefa de organização” (LENIN, 1978b, p. 559). Recorda a Resolução do Congresso Extraordinário dos *Soviets* de março de 1918 que acentua a necessidade de “autodisciplina dos trabalhadores e da luta implacável contra o caos e a desorganização” (LENIN, 1978b, p. 559). Os revolucionários tinham clareza da fragilidade do processo revolucionário ante o poder bélico das nações capitalistas que faziam fronteira com a República Soviética da Rússia, e da necessidade de reconstrução ordenada do país em conjunto com as massas.

Lenin precisa:

[...] a tarefa principal do proletariado e do campesinato pobre por ele guiado é, em toda revolução socialista [...] o trabalho positivo ou construtivo da organização de uma rede extraordinariamente complexa e delicada de novas relações de organização que abarquem a produção e a distribuição planejada dos produtos necessários à existência de dezenas de milhões de pessoas. Tal revolução só pode ser realizada com êxito com a atividade criadora histórica independente da maioria da população e, em primeiro lugar, da maioria dos trabalhadores. Só no caso de o proletariado e o campesinato pobre encontrarem em si consciência, firmeza ideológica, abnegação e perseverança suficientes, a vitória da revolução socialista estará assegurada. Ao criar um novo tipo de Estado, o Estado Soviético, que abre às massas trabalhadoras e oprimidas a possibilidade de tomar uma parte muito ativa na construção independente da nova sociedade, resolvemos apenas uma pequena parte de uma tarefa difícil. A dificuldade principal reside no campo econômico: realizar um registro e um controle rigorosíssimo e geral da produção e distribuição dos produtos, elevar a produtividade do trabalho, socializar de fato a produção (LENIN, 1978b, p. 560).

O partido dirigente da Revolução tem as tarefas de (1) “convencer à maioria do povo da justeza do seu programa e da sua tática”, uma tarefa que “está ainda longe de estar terminada (e que nunca poderá ser completamente esgotada)” (LENIN, 1978b, p. 562); (2) conquista do poder político e esmagamento da resistência dos exploradores (no caso da União Soviética, vigília constante contra os monárquicos, democratas-constitucionalistas e os mencheviques ou socialistas-revolucionários); (3) organizar a administração da Rússia (que não pôde tornar-se a tarefa principal em virtude da resistência dos exploradores que assumiu forma de guerra civil). Completa: “é necessário refletir que para administrar com êxito é preciso, além de saber convencer, além de saber vencer na guerra civil, saber organizar

praticamente”. Trata-se de “organizar de modo novo as bases mais profundas, as económicas, da vida de dezenas e dezenas de milhões de pessoas. E esta é a tarefa mais grata, pois unicamente depois de a resolvermos (...) se poderá dizer que a Rússia se tornou não só uma república soviética, mas também socialista” (LENIN, 1978b, p. 562-563). Lenin dialoga com a massa a quem se dirige: profundamente enraizado no processo revolucionário, reconhece a exaustão da primeira fase da revolução, mas estimula a todos, lembrando de tudo o que há por fazer: “restabelecimento das forças produtivas arruinadas pela guerra e pela gestão da burguesia. A cura das feridas provocadas pela guerra, pela especulação e pelas tentativas da burguesia para restabelecer o derrubado poder dos exploradores; o ascenso econômico, do país; a proteção firme de uma ordem elementar”. Maior desafio passa a ser “resolver praticamente estas tarefas elementaríssimas para a proteção social” (LENIN, 1978b, p. 563). As palavras de ordem principais do momento passam a ser: “Faz cuidadosa e honestamente as contas do dinheiro, gere de modo econômico, não sejas preguiçoso, não roubes, observa a mais rigorosa disciplina no trabalho”. As palavras de ordem que eram refutadas pelos trabalhadores quando ditas pela burguesia em prol dos seus interesses, são agora necessárias aos interesses da organização da União Soviética” (LENIN, 1978b, p. 563). Lenin argumenta:

[...] a realização prática destas palavras de ordem pela massa dos trabalhadores constitui, por um lado, a única condição para salvar o país, martirizado quase até à morte pela guerra imperialista e pelos abutres imperialistas (...) e, por outro lado, a realização prática destas palavras de ordem pelo poder soviético, com os seus métodos, na base das suas leis, é necessária e suficiente para a vitória definitiva do socialismo. Isto é o que não sabem compreender os que afastam com desdém a colocação em primeiro plano de palavras de ordem tão gastas e triviais. Num país de pequenos camponeses, que apenas há um ano derrubou o tsarismo e há menos de meio ano se libertou dos Kerenski, ficou, naturalmente, bastante anarquismo espontâneo, aumentado pelo asselvamento e pela barbárie, que acompanham toda a guerra longa e reacionária, surgiu muito desespero e exasperação sem objeto; se acrescentarmos a isto a política provocatória dos lacaios da burguesia (...) tornar-se-á plenamente compreensível que esforços prolongados e tenazes dos melhores e mais conscientes operários e camponeses são necessários para uma viragem completa do estado de espírito das massas e a sua passagem a um trabalho ordenado, conseqüente e disciplinado. Só esta passagem realizada pela massa pobre (os proletários e os semiproletários) é capaz de concluir a vitória sobre a burguesia e, particularmente, sobre a burguesia camponesa, a mais obstinada e numerosa (LENIN, 1978b, p. 563-564).

Há necessidade de uma “forma nova e superior de luta contra a burguesia”, que se encontra “na passagem da tarefa muito simples de prosseguir a expropriação dos capitalistas para a tarefa muito mais complexa e difícil de criar condições nas quais não possa nem existir nem surgir de novo a burguesia”, uma tarefa “incomparavelmente mais elevada” que “enquanto não estiver resolvida não haverá ainda socialismo” (LENIN, 1978b, p. 564). Sem ufanismos, Lenin tem clareza: a tarefa é gigantesca, mas pode ser executada. O Estado Soviético (um tipo superior de Estado assentado no poder soviético) é apenas o começo da “transição para o socialismo” (LENIN, 1978b, p. 564). Lenin defende a tese de que o trabalho de organização e controle das forças produtivas e dos bens socialmente produzidos “está fortemente atrasado em relação ao trabalho de expropriação direta dos exploradores”. Contra a sabotagem dos burgueses (por exemplo, minando o controle dos cereais), a “luta contra a burguesia desloca-se para a organização deste registro e controle”, faz-se necessário “consolidar e por em ordem os monopólios de

Estado (...) já implantados” e é só partindo daí que é possível “definir corretamente— as tarefas imediatas da política económica e financeira no domínio da nacionalização dos bancos, da monopolização do comércio externo, do controle do Estado sob a circulação fiduciária, da introdução de um imposto sobre os bens e os rendimentos aceitável do ponto de vista proletário, da introdução do trabalho obrigatório” (LENIN, 1978b, p. 569). O processo revolucionário esbarra no fato de que o controle do conhecimento dos processos de produção está nas mãos dos especialistas da burguesia. É necessário adotar a política dos altos salários para estes especialistas (um passo atrás ante os princípios da Comuna de Paris e do Estado Soviético!) (LENIN, 1978b, p. 567-568).

No texto de Lenin, a revolução é viva!! A leitura dos textos possibilita a cada um de nós vermos o revolucionário argumentando pacientemente contra as dissidências do processo revolucionário, explicando detalhadamente cada decisão tomada no diálogo com as críticas ao processo revolucionário, avaliando cuidadosamente o processo revolucionário nas relações internacionais e nacionais. No meio destes desafios, estão “o enorme ódio e desconfiança das massas por tudo o que é estatal”, que decorre de este ter sido até então “um órgão de opressão e espoliação do povo”. Um longo tempo e enorme perseverança são necessários para demover esta visão negativa do estado que também atrasa a necessidade do registro e do controle da produção por uma população ainda não convencida desta necessidade fundamental para o êxito da revolução socialista

Alterada a finalidade da produção da existência, a necessidade de nova formação

A “criação de um sistema social superior ao do capitalismo” que envolve “a elevação da produtividade do trabalho” e a sua “organização superior” trazem ao centro – ainda que apontado genericamente – o problema da formação de um homem novo, de nova visão de mundo, de nova lógica de valores que, continuamente, se coloca no horizonte de Lenin e compõe o processo da sua avaliação e direção do processo revolucionário, não como uma idealização de um dever ser, mas como uma necessidade objetiva surgida do processo de produção da revolução soviética!

A educação das massas para (1) o compreender as decisões tomadas no processo da revolução, e para (2) o domínio da ciência e da “técnica de trabalho mais elevada”, necessários ao desenvolvimento das forças produtivas, demandam (3) o formar e assumir novos valores. Especificamente e explicitamente é “condição da elevação da produtividade do trabalho” o “ascenso cultural e educativo da massa da população” e a “elevação da disciplina dos trabalhadores, a habilidade no trabalho, a eficácia, a intensidade do trabalho, a sua melhor organização” (LENIN, 1978b, p. 567-573). Aqui, a meta é aprender a trabalhar, o que inclui “o estudo e o ensino do sistema de Taylor” que reúne uma “refinada crueldade”, mas uma série de “riquíssimas conquistas científicas” (LENIN, 1978b, p. 573-574).

Quais os *métodos* para o desenvolvimento desta educação? Lenin reivindica, *primeiro*, a necessidade de conversar, debater, explicar abertamente as razões de cada decisão tomada; *segundo*, a formação pela experiência soviética e pelo experimento (LENIN, 1978b, p. 574) a partir do surgimento das necessidades práticas dentro das possibilidades objetivas, do movimento real da revolução. O conteúdo

do estudo contínuo que as massas devem fazer inclui: (a) organização e disciplina para atuar solidariamente e derrubar os exploradores (LENIN, 1978c, p. 401); (b) organização e disciplina para dominar os métodos modernos de trabalho próprios do capitalismo avançado; (c) questões econômicas cotidianas; (d) domínio e controle de toda a ciência e técnica produzidas pela burguesia; (e) aprender os conhecimentos necessários para o registro e controle da produção, a contabilidade, a estatística devem compor a educação das massas; (f) descobrir, animar, por de pé e promover os “talentos organizativos” existentes no “povo”; (g) identificar os verdadeiros organizadores, homens de bom senso e com sagacidade prática, que reúnam a fidelidade ao socialismo e a capacidade de organizar sem barulho (e apesar da barafunda e do barulho) o trabalho comum firme e concertado de grande quantidade de pessoas no âmbito da organização soviética”; (h) os valores da revolução socialista soviética, a preparação para o socialismo só pode se dar nos processos próprios do trabalho na “grande indústria, pela luta grevista, pela organização política” (LENIN, 1978c, p. 401).

Os *educadores* são o partido, “as comunas modelo” e o próprio proletariado revolucionário; há também o professorado que resistiu a revolução soviética, que necessita ser educado na política comunista; além, disso, Lenin não descarta a necessidade da coação, ante o risco constante de retorno da anarquia e do poder burguês; não descarta a necessidade de constituição de tribunais operários compreendidos como “órgão de poder do campesinato e do pobre”, defendendo “que o tribunal é um instrumento de *educação na disciplina*” (LENIN, 1978b, p. 575-579; LENIN, 1978d, 198-201).

Aos críticos do processo revolucionário vivido até então, rebate:

Esta gente não compreende que não houve nem pode haver uma revolução em que os partidários do que é velho não gritem acerca da ruína, da anarquia, etc. É natural que nas massas, que acabaram de se libertar de um jugo incrivelmente selvagem, tenha lugar uma profunda e ampla efervescência e fermentação; que a elaboração pelas massas das novas bases da disciplina do trabalho é um processo muito demorado; que esta elaboração nem sequer poderia começar antes da vitória completa sobre os latifundiários e a burguesia.

Mas, sem nos deixarmos dominar minimamente pelo desespero, frequentemente fingido, que propagam os burgueses e os intelectuais burgueses (que perderam a esperança de manter seus velhos privilégios), nós não devemos de modo algum encobrir um mal evidente. Pelo contrário, revela-lo-emos pois o êxito do socialismo é inconcebível sem a vitória da disciplina proletária consciente sobre a anarquia espontânea pequeno-burguesa, essa verdadeira garantia da possibilidade da restauração do regime de Kérenski e Kornílov (LENIN, 1978b, p. 573-574)

As tarefas do Comitê de Instrução Pública – “a ligação do aparelho político com a instrução”:

No discurso realizado na *Conferência de toda a Rússia dos Comitês de Instrução Política das Seções de Góbernia e UEZD da instrução Pública*, proferido em 1920, Lenin deixa claro: “Não partilho do ponto de vista utópico segundo o qual as massas trabalhadoras estão preparadas para a sociedade socialista”. Entende que “a preparação para o socialismo é dada só pela grande indústria, pela luta grevista, pela organização política” (LENIN, 1978c, p. 401). Lenin destaca as preocupações do CC e do Conselho de Comissariados do Povo em “estruturar o Comitê Principal da Instrução Política” articulado às “diferentes instituições” do Governo dos Soviets.

O texto de Lenin evidencia – ainda no terceiro ano da Revolução Soviética – a permanência de grupamentos burgueses disputando a tomada do poder político no interior da Rússia, mas, principalmente, “a união de todos os países capitalistas poderosos do mundo contra a Rússia Soviética” como a “verdadeira base da política internacional” (LENIN, 1978c, p. 402). Frente a esta pressão interna não resolvida, e ao acirramento da pressão externa, defende que o “trabalho conjunto da cultura e da instrução” deve ter como foco obrigatório “a questão da instrução com a nossa política”. Defende: “não podemos organizar o trabalho da instrução desligado da política”. Prossegue: “falar de instrução “apolítica” ou “não política” é hipocrisia da burguesia, não é outra coisa senão enganar as massas”. Reconhecendo a “ligação do aparelho político com a instrução” como “extraordinariamente sólida em todos os Estados burgueses”, Lenin deixa claro que “a sociedade burguesa não o pode reconhecer diretamente”, mas influencia a massa “por intermédio da Igreja e de toda a instituição da propriedade privada” (LENIN, 1978c, p. 400-401). Destaca sem rodeios – dirigindo-se às relações internas e as relações internacionais – a impossibilidade e o absurdo de situar-se fora da luta do proletariado, incitando à tomada de partido na luta de classes. “Por toda parte se observa a mesma coisa”, “a impossibilidade de qualquer posição intermediária e uma consciência clara da opção entre a ditadura branca” e a “ditadura do proletariado”. Atento às relações internacionais, Lenin tem claro que “a burguesia prepara-se para ela (a Ditadura Branca) em todos os países da Europa Ocidental” (LENIN, 1978c, p. 402).

Lenin acentua com especial atenção à luta do Commissariado do Povo da Instrução Pública contra a “organização dos professores” contra a “revolução socialista” assentada em “preconceitos burgueses”, sendo necessário que o Comitê Principal da Instrução Política realize a tarefa de “conquistar lentamente e passo a passo uma posição comunista”, colocando-se “com particular clareza a tarefa de combinar a direção do partido e de submeter a si, de impregnar com o seu espírito, de entusiasmar com o fogo da sua iniciativa, esse imenso aparelho – o exército de meio milhão de professores que está hoje ao serviço do operário” (LENIN, 1978c, p. 403).

Para Lenin, *entre as tarefas* do Commissariado do Povo e da Instrução estavam: (a) “ajudar às pessoas a aprender e a ensinar os outros”; (b) “atrair novos militantes ao trabalho da cultura e da instrução”; (c) contrapor “a nossa verdade às “verdade” burguesa e em impor o seu reconhecimento”; (d) “reconhecer a supremacia da política do Partido Comunista” que tem a tarefa de “ajudar o proletariado a desempenhar o seu papel de educador, organizador e dirigente, papel sem o qual é impossível a desagregação do capitalismo”; (e) preparar as massas para a edificação socialista; (f) os trabalhadores da instrução e o partido comunista têm a tarefa fundamental de “ajudar a educar e a formar as massas trabalhadoras a fim de superar os velhos costumes”, a fim de “vencer os velhos hábitos da intelectualidade e reeducar-se para construir o comunismo” (LENIN, 1978c, p. 400-403).

Em especial, o Comitê Principal da Instrução Política tem a tarefa de superar os preconceitos e hábitos burgueses dos professores que se colocam contra o operariado: “devemos educar um novo exército de pedagogos e professores, que deve estar estritamente ligado ao partido, às suas ideias, que deve estar impregnado do seu espírito, deve atrair para si as massas operárias, impregná-las do espírito do comunismo interessa-las por aquilo que fazem os comunistas” (LENIN, 1978c, 403-404). Cabe ao Comitê

Principal da Instrução Política resolver a difícil tarefa – meditar profundamente sobre a questão – de “ligar os professores de velha formação, na sua maioria, com os membros do partido, com os comunistas” (LENIN, 1978c, p. 404).

O *objetivo* da “cultura política, da formação política” é “educar verdadeiros comunistas capazes de vencer a mentira e os preconceitos e de ajudar as massas trabalhadoras a vencer a velha ordem e a levar a cabo a construção de um Estado sem capitalistas, sem exploradores, sem latifundiários” (LENIN, 1978c, p. 404). Qual o caminho para atingir este objetivo? Lenin afirma com convicção: “Isso só é possível dominando toda a soma de conhecimentos que os professores herdaram da burguesia”. Sem estes conhecimentos, seria impossível “toda a conquista técnica do comunismo” (LENIN, 1978c, p. 404).

Reconhecendo os professores como trabalhadores, Lenin coloca o problema: como ligar estes trabalhadores habituados a não ligar política e educação, com a política de interesse da Revolução Russa? Cada propagandista pertence ao partido que governa a luta mundial da União Soviética contra o regime burguês. É tarefa dos professores “impulsionar o trabalho, despertar o pensamento, lutar contra os preconceitos que ainda existem nas massas”. Lenin tem clareza da imprescindibilidade dos professores: “o fato de que a massa dos professores está impregnada com os defeitos” da “herança capitalista”, que fazem com que essa massa “não possa ser comunista”, não pode “impedir que se integrem esses professores nas fileiras dos trabalhadores da instrução pública, porque esses professores possuem conhecimentos sem os quais não podemos alcançar os nossos objetivos”, quais sejam, garantir à classe trabalhadora o domínio da ciência e da técnica necessários ao desenvolvimento das forças produtivas na URSS (LENIN, 1978c, p. 404-405).

Lenin tinha clareza desta contradição e sua orientação não perdeu o foco nas necessidades de fortalecimento econômico da República Soviética. A reeducação dos professores deve tomar como exemplo o processo de reeducação do exército vermelho: “devemos colocar ao serviço da educação comunista centenas de milhares de pessoas úteis”. Dentro e fora da escola “a nossa tarefa consiste em vencer toda a resistência dos capitalistas, não só militar e política, mas também ideológica, que é a mais profunda e a mais poderosa” (LENIN, 1978c, p. 405). Cada agitador “deve ser um dirigente do Estado, um dirigente de todos os camponeses e operários na edificação da economia”. Como edificador do Estado comunista, “ele deve dizer que para ser comunista é preciso conhecer, é preciso ler um determinado livro” para melhorar a economia, a produção e a distribuição do produzido (LENIN, 1978c, p. 406).

Este processo demanda quadros revolucionários, uma vanguarda de homens e mulheres cuja profissão é a ação revolucionária (LENIN, 1977, p. 157-169). Entre estes quadros que contribuíram na tarefa da instrução pública encontra-se Nadeshda Konstantinovna Krupskaya (1869-1939).

Krupskaya:

Procurando ler Krupskaya pela própria Krupskaya localizamos apenas *La educación de la juventude* (KRUPSKAYA, 1978) e *A construção da pedagogia socialista* (KRUPSKAYA, 2017). Reunindo estes dois compilamentos, chega às nossas mãos um conjunto de artigos publicados entre 1899 e 1938, que tratam

(a) de memórias de Krupskaya acerca de sua infância e acerca do que Lenin lhe contou sobre sua própria história; (b) de estudos e observações da vida dos russos, divulgados em artigos publicados no período, envolvendo a condição de vida das mulheres e crianças sob as botas do czarismo, a precariedade da educação das crianças que sobreviviam à miséria e à desinformação e a propaganda dos projetos socialistas para a superação da miséria; (c) o balanço dos problemas imediatos e das tarefas para a instrução pública (que, vimos, estava sendo sempre pensados de forma articulada com a instrução política) na Rússia revolucionária. Este conjunto de artigos, entretanto, é produto de uma triagem feita pelos compiladores e não abarcam o conjunto da obra de Krupskaya, ainda desconhecida por nós.

Abrindo pequena exceção para o apanhar de dados biográficos, os textos dos comentaristas nos possibilitam saber que Nadeshda Konstantinovna Krupskaya (nascida em 26/02/1869 e falecida em 27/02/1939) foi Secretária do Comitê Central do PCR e a “alma” do Commissariado do Povo para a Educação (Narkompros), dirigido por Lunacharsky, estando profundamente envolvida com a formulação da política educacional e com a elaboração da pedagogia socialista (FREITAS, 2017, p. 7-8). Em 1921 liderou a *Comissão Pedagógica da Comissão Científica Estatal*, responsável pela produção de currículos e programas escolares, fundando a revista *A caminho de uma nova escola*. As notas de Freitas dão notícia da escrita do livro em conjunto com Lenin (*Educação Pública e Democracia* - 1915), a quem conheceu em 1894 e de quem foi companheira até sua morte em 1924.

O conjunto dos textos produzidos entre 1899 e 1938 que nos chegam, revelam uma pensadora que escreve de forma objetiva e compreensível para ser lida pelo povo. Seu texto é direto e recheado da constatação crítica e da proposição de saídas para os problemas práticos da produção da Revolução que libertaria o povo do tzarismo. Em “Minha vida”, ela discorre sobre sua educação, enquanto uma jovem de origem nobre que nasce em 1869, e cresce marcada (a) pela pobreza; (b) pela intensa repressão da insatisfação do povo; (c) pelo contato constante com uma aristocracia insatisfeita com o czarismo que se reunia em casa de seu pai; (d) pelo contato com os maus tratos promovidos pelos terratenentes e pela nobreza contra os hebreus, poloneses, trabalhadores pobres e operários; (e) pelo contato contínuo e contrastante com a nobreza e com as crianças filhas dos camponeses e operários que tinham sua preferência nas horas de brincar; (f) pelo contato com revolucionários críticos do modo de vida dos pobres, como seu próprio pai – que, ao que tudo indica, estava muito próximo da Sociedade *Naródnaia Volia* (Vontade do Povo) – e como Alexandra Timoféievna (Timofeika), primeira mestra com que conviveu na infância (para além de sua mãe que trabalhava como instrutora dos filhos da aristocracia e da nobreza). As memórias de Krupskaya evidenciam a circulação das obras de Marx na Rússia das décadas de 80 e 90 do século XIX, e a luta revolucionária para a superação do czarismo presente nas aldeias pelas quais Krupskaya circulou.

Krupskaya destaca em suas memórias, em um tempo de repressão e revolta, aquilo que possibilitou que se conformasse revolucionária: destaca que seu pai não acreditava em deus e conhecia o movimento socialista do Ocidente; destaca o mistério necessário à segurança dos revolucionários em um tempo de intensa repressão; destaca a orfandade paterna que a levou a trabalhar muito cedo; a adesão assim que ficou maior ao Partido Comunista Russo; uma mudança frequente de moradia que a fez

conhecer como viviam as distintas camadas da população; as impressões negativas que a guerra da Turquia de 1877 lhe deixara na infância; o terror e o ódio do povo russo aos terratenentes; o assassinato de Alexandre II em 01 de março de 1881, a esperança de mudança e o acirramento da repressão; a influência de Tolstoi; a importância e a influência do movimento estudantil para que se lhe abrissem os olhos, quando então conheceu Marx, o movimento operário e o comunismo; a decisão de ser professora e a militância pela formação marxista nas escolas; a prisão; a chegada de Lenin a Petesburgo em 1894 e a consolidação da *Organização dos marxistas ativos* na qual vinha participando; a prisão e o exílio, quando casou com Lenin em 1894; a participação nas greves de 1896 (KRUPSKAYA, 1978, p. 1-6).

O dois textos escritos em 1988 e 1913 dão conta do estudo da condição em que vivem as mulheres e as crianças, de um projeto de educação das crianças e do apanhar/indicar a condição de vida e a íntima conexão dos professores com a vida nas aldeias. O texto de 1913 é uma chamada *Ao Congresso dos professores públicos* com a defesa da tese de que os participantes do Congresso “devem dedicar todos os seus esforços para fortalecer, aprofundar, tornar consciente a democracia instintiva dos que se reúnem no congresso dos professores”, desenvolvendo “um ponto de vista marxista, o mais completo possível, sobre a questão da escola”, pois “a escola tem a possibilidade de influenciar sistemática e organizadamente a visão de mundo, os sentimentos da juventude”. Por esta razão é determinante saber “em mãos de quem fica a escola, quem determina o programa, a natureza do ensino, quem escolhe os professores, quem os fiscaliza” (KRUPSKAYA, 1913, p. 32).

Ela evidencia a disputa pela direção da educação da juventude entre as diferentes classes, destacando o projeto da classe operária para a escola, interessada que está na formação da juventude para uma “uma democracia consequente”: (1) educação geral, gratuita e obrigatória para crianças de ambos os sexos até 16 anos, incluindo desenvolvimento físico multilateral, formação para o trabalho e a politecnicidade e habituação ao trabalho coletivo e à auto-organização; (2) escola laica (separada da igreja); (3) organização democrática e não burocrática do trabalho; (4) garantia plena de liberdade de opinião e direito de associação aos professores; (5) direito de receber educação na sua língua nativa sem qualquer tipo de privilégio para qualquer língua (KRUPSKAYA, 1913, p. 33-34).

O texto de 1915, *Educação Pública e Democracia*, foi escrito no exílio, durante a Primeira Guerra Mundial, foi discutido e revisado por Lenin e produzido antes da Revolução Russa, fazendo a defesa da *Escola do Trabalho* no lugar da *Escola do Ensino*. Surge a preocupação com uma escola politécnica que prepare “pessoas capazes de executar todo tipo de trabalho”, a preocupação com a garantia das condições de permanência na escola e colocação da direção das escolas sobre o controle do poder local, incluindo a seleção dos professores (KRUPSKAYA, 1915, p. 35-41; 1917, p. 62; 1921, p. 84). O texto de 1918 *Sobre a questão da escola socialista*, analisa as características da escola burguesa, contrapondo a esta um projeto de escola socialista “com metas que correspondam às necessidades da escola socialista” tendo a tarefa de educar a geração que surge da revolução socialista (KRUPSKAYA, 1918, p. 33-34). De 1921, chega-nos *A questão da educação comunista* na qual Krupskaya evidencia como “As questões da educação mudam de acordo com os objetivos da educação”. Após avaliar como a educação foi conduzida pelos espartanos e gregos, para o que nos interessa nesta conjuntura, destaca:

O problema da educação que sempre foi colocado pela Igreja consistia na transformação da pessoa num servo de Deus, que temia olhar e ver, que não se atrevia a ponderar sobre nada... Os pais da igreja sempre tentaram matar, durante a infância, o pensamento independente, o desejo e a alegria de vida.

Citando a fala de um trabalhador noturno, nos diz Krupskaya: “é terrível ser um escravo do homem”, aqui, “você precisa lutar”. Mas “ser um escravo de Deus é muito pior!” “Não pode atrever-se a pensar na luta” (KRUPSKAYA, 1921, p. 82). E completa:

A burguesia aprendeu com a Igreja como é possível, na escola, ensinar escravos. Mas seus filhos se formam nas escolas especiais, onde se formam proprietários da vida. Pessoas que no futuro vão se beneficiar e desfrutar dos bens da vida. Nas escolas populares, aquelas escolas onde as crianças operárias e camponesas estudam, acontece a extinção sistemática do espírito. Aí ensinam-se crianças obedientes, servas do capital. Olhe para as escolas públicas da Alemanha, França, Suíça etc., veja como lá reprimem nas crianças qualquer pensamento independente, como cravam em suas cabeças a moral burguesa, como ensinam a se inclinar perante a riqueza, perante qualquer comando, como ensinam a obedecer cegamente, a executar cada ordem do professor. A burguesia sabe perfeitamente que com a violência nua ela não poderia manter por muito tempo seu poder, ela faz o possível para promover a escravidão espiritual das massas (KRUPSKAYA, 1913, p. 33-34).

Ao tomar nas mãos o poder em 1917, “os operários [...] conquistaram a possibilidade de educar a juventude do modo que consideraram necessário”. Uma “série de novas tarefas educativas” com o fim de “destruir a divisão de toda a sociedade em classes” que passa pela transformação de toda a população em “uma república de trabalhadores”. Sob esta perspectiva, Krupskaya alerta, “é evidente por si que na República Soviética não pode haver lugar para dois sistemas de educação: um direcionado para educar os que dominam e outro dirigido para educar escravizados”. Por esta razão, o “primeiro ato proclamado pelo *Comissariado da Educação Pública* foi a Declaração do *sistema único de educação*, “escola única”, gratuita, (com duração de 9 anos), dividida em dois graus e que fornece preparação sólida para a vida e para o trabalho”. E completa: tornar esta escola “acessível para todas as crianças”, “disponível igualmente para jovens mulheres e homens” foi “o primeiro problema de educação que se colocou diante da Rússia Soviética”. A conjuntura de guerra interna e externa, até 1921 – como já vimos com Lenin – “atrapalharam a resolução desse problema da educação comunista”, tornando-se urgente recuperar um país destruído pelas guerras. Ainda assim, o Governo Soviético, “através da mediação da escola”, “deve tomar para si por completo a manutenção de todos os estudantes”. Destacando que “o comunismo pressupõe uma organização racional e sistemática da produção”; o objetivo da educação é “não perder nenhuma força, nenhum talento”. A “função de educar as crianças para o trabalho deve ser tomada para a escola”, sendo migradas muitas das funções da família para a escola, para garantir “o envolvimento mais amplo no trabalho também das mães, irmãs mais velhas e outros”. Uma escola voltada para o ensino “é economicamente impensável”, pois, “sem se preocupar com o desenvolvimento da capacidade de trabalhar da nova geração” reduziríamos “o montante das forças produtivas do país”. O uso racional da força de trabalho “pressupõe a sua formação planejada e sistemática”. “A preparação da nova geração para a produção comunista é um dos problemas mais importantes do comunismo”. Vem daí a necessidade de defender uma escola única (para todas as classes) e de “caráter politécnico”, que “deve fornecer um panorama da economia do país, familiarizar os estudantes com a indústria agrícola, com a mineração, com a manufatura e seus principais ramos de

processamento de metal, têxtil, químico”. O caminho para esta familiarização inclui: “livros didáticos, ilustrações, cinema, visitas a museus, exposições, fábricas, usinas, e por meio de participação na produção”.

A este último aspecto Krupskaya dá maior atenção: “somente trabalhando com o material, o jovem estuda em todos os seus aspectos”, sendo “o método de trabalho o melhor método de aprendizagem”, pois “no processo de trabalho, o estudante aprende melhor sobre física, química, as leis da mecânica”, aprende a “observar, verificar as suas observações por meio das experiências, aprende a usar o livro como uma ferramenta de trabalho, aprende a usar dados científicos para o trabalho diário”. Aprendendo a “lidar com os materiais [...] enxergará claramente os problemas que surgem no processo de produção”. Estudar a história de cada ramo de produção, possibilitará entender “em que consiste o progresso em cada ramo de produção”. É aqui que “a tarefa da escola politécnica não é preparar um especialista estreito, mas uma pessoa que entenda toda interligação dos diferentes ramos da produção”. A tarefa da escola politécnica é preparar o dono da produção. É assim que a República dos Soviets pensa a formação dos seus operários: formá-los para serem “donos da produção”. A escola politécnica prepara para o trabalho coletivo e para organizar-se para o trabalho (KRUPSKAYA, 2017, p. 82-86). A meta é clara:

Diante dos operários que se livraram do jugo do capital, coloca-se uma tarefa de extrema dificuldade e importância – organizar o trabalho no interesse de toda a sociedade comunista, não somente fábricas específicas, mas em todo o país. Tomando o poder em suas mãos, os comunistas tomaram a organização da produção e distribuição. E nós vemos como, em cada passo, revela-se a falta de hábitos de organização. [...] em todos os lugares nos deparamos com confusão e falta de conhecimentos básicos da ciência organizacional... [...] A capacidade de organizar toma um significado muito importante neste momento histórico [...] É por isso que a Escola Politécnica, juntamente com a preparação dos estudantes para o trabalho, deve educá-los nas habilidades de organização (KRUPSKAYA, 2017, p. 86-87).

A partir de 1917, os textos das duas coletâneas com as quais trabalhamos aqui se concentram na disputa de projetos pela organização e instrução da juventude. Evidencia-se que a burguesia permaneceu nos bastidores, ativa, sabotando e disputando corações e mentes. Evidencia-se a preocupação com a reação negativa da juventude à revolução operária. A preocupação da resistência dos professores à revolução. O primeiro aspecto que destaca em 27 de maio de 1917 é o desafio de “capacitar a juventude para participar de um grande movimento emancipador que libertará o mundo do jugo da exploração, acabará com a divisão de classes e dará à humanidade a capacidade de viver feliz”, contrapondo-se à educação burguesa que propaga “o respeito à propriedade, o chauvinismo, o desprezo às demais nações” (KRUPSKAYA, 1978). Krupskaya destaca como esta educação cívica burguesa permitiu que a juventude fosse usada de forma conservadora contra o movimento operário revolucionário. Destaca as associações de jovens como espaços fundamentais de formação, mas acentua que nem todas as associações são boas para a formação da juventude revolucionária. Defende uma educação cívica que dê vida aos jovens operários, no nobre espírito da solidariedade de classes que lhes permita compreender e amar a divisa “proletários de todo o mundo, uní-vos”, defendendo que os operários jovens devem buscar a “organização de uniões proletárias, agrupadas na Internacional Juvenil que marcha ombro a ombro com a

classe operária e pleiteia os mesmos objetivos que esta”. Destaca a importância de as organizações operárias disputarem a direção da formação da juventude “sem ocultar suas opiniões nem o que são, dizendo com clareza e precisão o que querem e pelo que lutam”, enquanto os partidos burgueses escondem o que querem, claramente direcionados a “apartar a juventude operária do partido do proletariado e debilitar o caráter classista da sua organização”. Estimula a “organização da União da Juventude Operária da Rússia”, recomendando que “seja uma organização proletária que marche ombro a ombro com a organização operária de seu país e com a Internacional Juvenil e publique um periódico proletário em que com linguagem sensível e compreensível discutam todos os problemas da luta econômica e política”. Na produção dos seus estatutos, esta organização deve prever: (1) que todos os jovens que vivem da venda de sua força de trabalho, independente de sexo, de credo e de língua, se organizem orientados pelo princípio de unidade e fraternidade; (2) que tenha como objetivo fazer de seus filiados cidadãos livres e conscientes dignos participantes da grande luta para libertar do jugo do capital a todos os oprimidos e explorados; (3) deve aderir à Internacional Juvenil e fazer parte desta; (4) devem estar fortes e são para lutar eficazmente pela causa operária, por isto deve lutar pela proteção do trabalho infantil, exigir a jornada máxima de 6 horas com condições de salubridade, assistência médica e abolição do trabalho noturno, salários adequados para manter a qualidade de vida dos jovens e apoiar e ser apoiados pelos operários, encaminhando representantes a seus congressos; (5) devem adquirir a maior quantidade possível de conhecimento para serem combatentes conscientes por um futuro melhor e despertar a consciência de classe da juventude; (6) devem saber organizar-se, basear-se na autogestão e na iniciativa. Um projeto de educação da juventude deve visar a formação de um homem social, com instintos sociais muito desenvolvidos, desejoso de que todos os homens vivam bem sejam felizes, com instintos de pertencimento a uma classe solidamente consolidados (KRUPSKAYA, 1978, p. 35-48).

A formação infantil deve se dar por meio da sensibilidade, promovendo-se a participação nas festas proletárias, visitando os clubes operários e às fábricas – o foco é a identidade e a solidariedade de classes em busca da formação do futuro da URSS: fazer dos meninos combatentes e construtores do novo regime. Os operários devem patrocinar e dialogar com as novas gerações desde pequenos mostrando seu trabalho e falando de sua infância e de sua luta aos pequenos. Os pequenos devem ser envolvidos de modo a se sentirem “membros úteis da sociedade e lhes de animo para trabalhar”. A educação – tomando também o jogo como meio – deve produzir a coesão e a ajuda mútua, fortalecendo o corpo e a camaradagem, e desenvolvendo um enfoque social dos problemas. Os pequenos devem realizar trabalho social. Devem aprender a focar todas as questões do ponto de vista da coletividade, e devem desenvolver carinho pelo trabalho social e pela coletividade. A formação deve garantir o acesso ao conhecimento para construir uma vida nova. Esta formação deve se dar em perspectiva comunista e visando a ajuda mútua (KRUPSKAYA, 1978, p. 27-33).

“Um comunista deve saber muitas coisas”. Deve “compreender o que ocorre ao seu redor e conhecer o mecanismo do regime existente” (KRUPSKAYA, 1978, p. 37). “O comunista deve estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana”, “deve conhecer o desenvolvimento das formas econômicas, do desenvolvimento das formas do Estado”. Deve compreender “como surgem as

concepções religiosas e morais em determinado regime social”. Devem compreender o comunismo como um regime para o qual marcha inevitavelmente a humanidade” e que “os comunistas devem desbravar o caminho para este regime e contribuir para a sua rápida implementação”. Devem estudar economia política com o fim de conhecer a estrutura da sociedade moderna e a história da cultura”. É preciso conhecer a realidade para saber o que é possível atingir num determinado momento e o que não é possível atingir” (KRUPSKAYA, 1978, p. 37). Deve “conhecer a fundo o ramo de trabalho a que se dedica e dominar o método comunista de focar os problemas”, deve saber chegar às massas, influenciá-las e convence-las” (KRUPSKAYA, 1978, p. 37-38). Deve aprender a submeter seus interesses particulares aos interesses gerais. Não observa com indiferença o que se passa ao seu redor, mas luta ativamente contra o que prejudica a causa do comunismo, por que reconhece e defende estes interesses como seus”. Para ser comunista, é necessário conhecer os males do capitalismo, aplicar os conhecimentos ao que se faz e ser fiel aos interesses revolucionários dos trabalhadores (KRUPSKAYA, 1978, p. 38). Estudar tenazmente para compreender aquilo que lhes impede de ser comunistas conscientes, e isto inclui o marxismo científico. O comunista precisa estudar para ver melhor o que não marcha bem, onde e por que. Mas a educação deve estar voltada para olhar a vida e compreendê-la. A educação deve ter um eixo politécnico (KRUPSKAYA, 1978, p. 41). O comunista deve compreender com profundidade as relações múltiplas entre os diversos ramos da produção para incorporação consciente das massas que devem compreender como se desenvolve a economia em seu conjunto e quais tarefas fundamentais são necessárias para a execução dos planos industriais” (KRUPSKAYA, 1978, p. 41). O marxismo leninismo deve ser conhecido e compreendido de modo a aplicar-se na prática para resolver os problemas cotidianos. A ciência e a técnica devem ser levadas às massas que devem dominar os processos de funcionamento e reparo das diferentes forças produtivas – o conhecimento e a perícia devem estar unidos com o trabalho produtivo social. Os estudantes devem falar e escrever de maneira popular, devem aprender a transmitir o que sabem aos demais.

100 anos da Revolução Russa – as lições das políticas para a educação:

A partir dos escritos de Lenin, é pois fundamental assinalar que a Revolução Russa não resultou imediatamente no comunismo, mas abriu pela primeira vez na história da humanidade – por longo tempo e em larga escala – a possibilidade efetiva de tomada do poder político pelo proletariado, o que permitiu colocar-se frente às tarefas necessárias à produção de um modo de produção centrado nos interesses do proletariado. Organizar toda a sociedade sob a direção dos interesses proletários incluiu a centralização das forças produtivas e a produção das condições para uma economia planificada de caráter comunista.

Entre os imensos desafios que a produção de uma revolução continental envolveu, estava a preparação objetiva e subjetiva do proletariado para enfrentar os desafios de uma revolução que tinha como meta ultrapassar os marcos do liberalismo burguês e alcançar a perspectiva do comunismo. Esta tarefa ocupou os debates nos Soviets. A este debate temos acesso pelos escritos de Lenin e Krupskaya, convertendo-se estas obras em um diário vivo dos desafios revolucionários que nos possibilitam retomar o

espírito da revolução. Entre estes desafios, assume centralidade a questão da reeducação do proletariado, a reeducação dos servidores públicos, em especial dos trabalhadores da educação (os professores), e a reeducação da juventude e educação das crianças. Apenas um processo revolucionário pode possibilitar tamanha clareza da direção precisa a seguir.

Algumas notas destas lições muito ricas acima registradas referem-se a não perder do horizonte a impossibilidade de conciliação de interesses *entre* os que almejam um modo de produção voltado à liberdade de opressão para a concentração da riqueza e *aqueles* que almejam um modo de produção no qual cada um dá conforme sua capacidade e recebe conforme sua necessidade (MARX, 2012, p. 32). O processo de produção desta consciência da impossibilidade de conciliação de interesses quando o foco é a emancipação dos proletários, condena qualquer esforço de produção de ilusões, estimulando-se a exposição clara dos projetos e das dificuldades para a sua consecução, fortalecendo-se o horizonte e o foco da superação da apropriação privada das forças produtivas em direção à apropriação coletiva das forças produtivas.

Um aspecto central deste processo que a Revolução Russa nos lega é que o controle das forças produtivas demanda um proletariado que conhece cientificamente (a) as justas razões da revolução que toma da burguesia o controle e a direção das forças produtivas; (b) os processos de controle e direção das forças produtivas; (c) a cadeia produtiva em movimento no tempo histórico e a ciência e a técnica necessárias para movê-la. O desafio da escola a serviço dos interesses proletários é tomar partido, garantindo à classe trabalhadora o acesso aos conhecimentos que possibilitam entender o tempo em que vivem. Assumem centralidade, a escola politécnica, que qualifica o proletariado para a posse e o controle das forças produtivas, e a escola unitária, que recusa qualquer perspectiva de escola dualista, ou seja, qualquer perspectiva de uma educação diferenciada entre classes e segmentos de classes.

Destaco estas lições: (a) recuperar a noção de interesses inconciliáveis entre proletariado e proprietários das forças produtivas – necessário para que mantenhamos o horizonte da superação do capitalismo como modo de produzir a vida; (b) recuperar a demanda da educação do proletariado que considere a necessidade objetiva de posse e controle das forças produtivas, o que inclui o amplo domínio das cadeias produtivas nacionais e internacionais, e da ciência e da técnica necessárias para a sua gestão; (c) a demanda por uma escola que se posiciona a serviços dos interesses do proletariado, de caráter unitária e centrada na educação politécnica com os sentidos objetivos acima descritos. Entendo que estas são as lições que devemos retomar e manter no horizonte das forças políticas de esquerda, em especial as que se reivindicam abertamente comunistas, que, em última instância, contribuem para a construção dos processos que nos levarão à superação do capitalismo. Nossa tarefa é identificar e contribuir para por em movimento os processos de ebulição, refutando veementemente qualquer perspectiva de conciliação com os interesses dos proprietários das forças produtivas.

Referencias Bibliográficas:

KRUPSKAYA, Nadeshda Konstantinovna. *La educacion de la juventud*. Madrid: Nuestra Cultura, 1978.

- KRUPSKAYA, Nadeshda Konstantinovna. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- LENIN, Vladimir Illich Ulianov. Que fazer? A organização de operário e a organização de revolucionários. In: LENIN. V. I. U. *Obras Escolhidas*. Volume 1. Lisboa: Avante; Moscovo: Progresso, 1977. P. 157-169.
- LENIN, Vladimir Illich Ulianov. A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo. In: LENIN. V. I. U. *Obras Escolhidas*. Volume 3. Lisboa: Avante; Moscovo: Progresso, 1978a. P. 275-349.
- LENIN, Vladimir Illich Ulianov. As tarefas imediatas do poder soviético. In: LENIN. V. I. U. *Obras Escolhidas*. Volume 2. Lisboa: Avante; Moscovo: Progresso, 1978b. P. 557-587.
- LENIN, Vladimir Illich Ulianov. Discurso na conferência de toda a Rússia dos Comitês de instrução política das seções de Gubérnia e Uezd da instrução pública. In: LENIN. V. I. U. *Obras Escolhidas*. Volume 3. Lisboa: Avante; Moscovo: Progresso, 1978c. P. 400-407.
- LENIN, Vladimir Illich Ulianov. Os resultados da semana do partido em Moscovo e as nossas tarefas. In: LENIN. V. I. U. *Obras Escolhidas*. Volume 3. Lisboa: Avante; Moscovo: Progresso, 1978d. P. 198-201.
- MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2007.
-

Notas:

- ¹ Dra em Filosofia e História da Educação (FE - UNICAMP). Professora da FACED/UFBA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo e Políticas de Trabalho e Educação MTE/UFBA. Editora da Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate. Email: elza.peixoto@yahoo.com.br
- ² “A doença infantil do esquerdismo no comunismo” (LENIN, 1920, p. 279).
- ³ Expressão com que Marx localiza uma classe potencialmente revolucionária: a classe que sofre com mais intensidade as misérias de um tempo. A classe com cadeias radicais é “uma classe na sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, de um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua caráter universal porque os seus sofrimentos são universais e que não exige uma *reparação particular* porque o mal que lhe é feito não é um *mal particular*, mas um *mal em geral*, que já não possa exigir um título *histórico*, mas apenas o título *humano*; de uma esfera que não se oponha a conseqüências particulares, mas que se oponha totalmente aos pressupostos do sistema político alemão; por fim, de uma esfera que não pode emancipar-se a si mesma nem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade sem emancipá-las a todas [...] o proletariado” (MARX, 2005, p. 154-155).
- ⁴ Todas as citações de obras de Lenin foram extraídas das *Obras Escolhidas* (03 volumes), publicadas pela edição Avante em 1978.

Recebido em: 10/2017

Aceito em: 14/11/2017